



“MEDITAÇÕES”: REFLEXÕES SOBRE AS CRÔNICAS DE ANA PLÁCIDO ESCRITAS NO CÁRCERE

“MEDITATIONS”: REFLECTIONS ON ANA PLÁCIDO’S CHRONICLES WRITTEN IN PRISON

[10.29073/naus.v6i2.805](https://doi.org/10.29073/naus.v6i2.805)

RECEÇÃO: 23 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 29 de novembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 28 de dezembro de 2023.

AUTOR/A 1: Conceição Flores , Universidade Potiguar, Brasil, conflores.natal@gmail.com.

AUTOR/A 2: Fabio da Silva , Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil, famamario@gmail.com.

RESUMO

Ana Plácido (1831–1895) e Camilo Castelo Branco (1825–1890) ficaram estigmatizados pelo escândalo de adultério ocorrido na sociedade portuguesa oitocentista. Condenados e presos na Cadeia da Relação do Porto, ela a 6 de junho de 1860, ele a 1 de outubro de 1860, foram absolvidos e soltos em 16 de outubro de 1861. Nesse período, escreveram obras que testemunham as agruras do cárcere: Camilo Castelo Branco, *Memórias do cárcere* (1862), Ana Plácido, *Luz coada por ferros* (1863). Este ensaio toma como objeto de estudo “Meditações”, conjunto de crônicas que integra a obra *Luz coada por ferros* de Ana Plácido, a fim de refletir sobre a sua biografia, focalizando as dores e anseios da autora patentes nas crônicas. A escritora demonstra ter uma visão à frente do seu tempo sobre a condição da mulher, bem como uma coragem inusitada para uma senhora do seu tempo, ao expor-se perante a sociedade patriarcal portuguesa e apontar a hipocrisia social vigente.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Plácido; Autobiografia; Crítica Social; *Luz Coada por Ferros*; “Meditações”.

ABSTRACT

Ana Plácido (1831–1895) and Camilo Castelo Branco (1825–1890) were stigmatized by the adultery scandal that occurred in nineteenth-century Portuguese society. Convicted and imprisoned in the Porto Prison, she on June 6, 1860, he on October 1, 1860, they were acquitted and released on October 16, 1861. During this period, they wrote works that testify to the hardships of prison: Camilo Castelo Branco, *Memórias do Cárcere* (1862), Ana Plácido, *Luz coada por ferros* (1863). This essay takes as its object of study “Meditações”, a set of chronicles that integrate the work *Luz coada por ferros* by Ana Plácido, in order to reflect on her biography, focusing on the pains and desires of the author evident in the chronicles. The writer demonstrates that she has a vision ahead of her time regarding the condition of women, as well as an unusual courage for a lady of her time, when exposing herself to the patriarchal Portuguese society and pointing out the current social hypocrisy.

KEYWORDS: Ana Plácido; Autobiography; *Luz Coada por Ferros*; “Meditations”; Social Criticism.



Escrevo isto como mulher para as mulheres.

(Cixous, 2017, p. 129).

Ana Plácido (1831–1895) e Camilo Castelo Branco (1825–1890) protagonizaram um adultério que escandalizou a sociedade portuguesa oitocentista. Romances célebres do século XIX¹ eternizaram o adultério feminino, estigmatizando a mulher que sucumbe ao amor e abandona o marido. O caso de Ana Plácido e Camilo, como tantos outros, resultou do matrimônio burguês, “casamento-venda” (Macedo & Amaral, 2005, p. 170), arranjado pelas famílias com objetivos financeiros. Ana Plácido, por pressão direta do pai,² casou em 28 de setembro de 1850, no dia seguinte a completar dezenove anos (cf. Natária, 2008), com Pinheiro Alves, um rico comerciante do Porto, que regressara do Brasil, bem mais velho. Sobre a celebração desse casamento, Manuel Teles esclarece:

[...] a jovem Ana Plácido casaria, em envergonhada cerimónia íntima, na expressamente alugada para o efeito Quinta de Vilar d’Allen, na saída do Porto para Valbom. O noivo, Manuel Pinheiro Alves, um ‘brasileiro’ de quarenta e três anos, comparsa de seu pai no negócio dos fretes marítimos, terá obtido as primícias das suas dezenove primaveras, segundo Camilo insinua e António Aires confirmará, em troca de socorro financeiro ao pai da noiva, que se encontraria em grandes embaraços financeiros (Teles, 2008, p. 49).

Antes do casamento, Ana Plácido já estava enamorada de Camilo Castelo Branco, que conhecera num baile, encontro que ela irá narrar em “Meditações”. Nove anos após o casamento com Pinheiro Alves, em 1859 — o casal já tinha um filho, Manuel Augusto Plácido Pinheiro Alves³ (1858–1877) — Ana Plácido foge para ir viver com Camilo. O marido instaurou um processo por adultério, baseado num relato de um familiar da acusada. Andaram foragidos, mas acabaram por se entregar à justiça. Ela, a 6 de junho de 1860, ele, a 1 de outubro de 1860, tendo ficado presos na Cadeia da Relação do Porto, sendo absolvidos e soltos a 16 de outubro de 1861.

Camilo já era um conhecido escritor quando foi preso e na cadeia escreveu alguns dos seus livros célebres, como, por exemplo, o consagrado *Amor de perdição* (1862) e *Memórias do cárcere* (1862). Por seu turno, Ana Plácido também produz diversos textos enquanto esteve encarcerada e os reuniu em *Luz coada por ferros*, publicado em 1863. Assim, *Memórias do cárcere* e *Luz coada por ferros*⁴ registram a visão que os autores tinham sobre as vivências entre as grades e como as transformaram em narrativas: Ana Plácido, centrada mais numa experiência autobiográfica emocional, escreveu novelas, contos, meditações (espécie de crônicas que relatam as suas opiniões e sentimentos, geralmente associados a injustiças); Camilo relatou histórias que escutava dos prisioneiros, geralmente em torno do tema amoroso, tentando não falar de si, mas acabando por escolher narrativas com enlacs amorosos tão fortes quanto o seu e o de sua amada.

Este ensaio visa refletir sobre a biografia da autora, dores e anseios expressos em “Meditações”, conjunto de sete crônicas que integram *Luz coada por ferros*. Ana Plácido, nas páginas introdutórias do livro, dedicadas à memória da irmã Maria José Plácido, afirma que “grande parte destes escritos nasceram na calamitosa época do cárcere e do

¹ Entre esses romances estão: *Madame Bovary* (1857) de Flaubert, *Anna Karinine* (1875–77) de Tolstói, *O primo Basílio* (1878) de Eça de Queiroz.

² Carlota Pedro relembra que tal prática, dos casamentos arranjados e baseados em jogos de interesse, era comum na sociedade burguesa oitocentista: “O casamento nas classes mais abastadas deveria decorrer em condições de lhes garantir a riqueza, mesmo que contrariando possíveis inclinações amorosas das raparigas. A maior aspiração dos pais correspondia à escolha do noivo ideal, pelo que era fundamental que a educação feminina cultivasse ou sublinhasse os principais encantos inerentes à condição feminina” (Pedro, 2006, p. 61).

³ Alguns biógrafos suspeitam que essa criança seria fruto do relacionamento extraconjugal com Camilo.

⁴ *Luz coada por ferros* possui nove narrativas e, em sua maioria, “apresenta estórias de imposições amorosas, casamentos impostos e arranjados, uniões que se realizam visando o sistema econômico e interesses familiares, jogo social no qual a mulher predomina como vítima” (Silva, 2020a, p. 48).



escárnio de meus algozes, nunca saciados das torturas que me infligiram.” (1995, p. V). As palavras da autora mostram o sofrimento moral que ela sofreu nesse período, sem adentrar em detalhes do ambiente prisional. Contudo, por meio das *Memórias do cárcere*, Camilo descreve que o lugar onde estavam presos como insalubre e lúgubre:

[...] o ar glacial e pestilento, [...] as paredes pegajosas de humidade, [...] as abóbodas profundas e esfumeadas dos corredores, [...] pessoas de má sombra, e olhar desconfiado. [...] Às nove horas da noite, correram os guardas os ferrolhos. [...] Tinha adormecido às quatro horas, quando as sentinelas cessam de bradar o alerta, que rompe em oito vozes, puxadas de quarto em quarto de hora. Às cinco horas despertou-me o estrépito dos ferrolhos de muitas portas e também da minha que se abriam. [...] A horas de jantar, entrou o guarda a bater os ferros da minha janela. (1983, p. 51, 55, 56).

A escrita foi, portanto, uma forma de resistência encontrada pelo casal para (sobre)viver naquelas condições. Ana Plácido e Camilo Castelo Branco estavam presos em celas individuais na Cadeia de Relação do Porto. Mas salvo as poucas linhas que transcrevemos, não encontramos notas autobiográficas em *Memórias do cárcere*. Podemos inferir como o sofrimento moral era intensificado pelo sofrimento físico que o ritual carcerário impunha aos prisioneiros e pelas condições deploráveis que impressionaram D. Pedro V quando visitou Camilo na cadeia, tendo, por isso, posteriormente, mandado fazer obras naquele espaço.

Lembremo-nos que Júlio César Machado, conhecido escritor e folhetinista, que ia a cadeia visitar o casal, é convidado a fazer a introdução de *Luz coada por ferros*. Afirmo assim o crítico sobre a obra placidiana:

Não sabe talvez a autora deste livro, que estamos num país em que a primeira coisa que uma senhora de talento tem que fazer-se perdoar, é o seu talento mesmo. É tão cómodo dispensar-se uma pessoa de ter espírito, que os sensorões nacionais formaram uma seita para castigar os que o têm.; entre os homens a forma de punir o talento é desviá-lo dos destinos públicos, não lhe recompensar o heroísmo da luta, e, depois de o desdenhar, caluniá-lo um dia; entre as senhoras o que usa, é espalhar o boato de que a sua superioridade não as deixa atender a mais do que ao egoísmo e à vaidade, sem consentir nunca que as domine a veemência de sentimentos, que formam o condão e a sorte da mulher.

Não perdoam facilmente, essas a que os jornais do gênero chamam no dia imediato ao baile “rainhas da festa”, que uma entre elas, tão formosa como elas, como elas tão senhora, se permita além de conversar, sorrir, amar, dançar, — pensar! As mães indicam-na às meninas como perigosa, os burgueses evitam olhá-la, os noivos temem-se, e os tolos, que andam em maioria, dizem consigo que uma senhora que tem espírito é uma senhora que se afasta do seu fim, e que eles não se acham preparados, de um dia para o outro, a conversar num baile com uma senhora que pensa, porque vão a um baile para se distraírem, e não para terem trabalho (1995, p. VI, VII)

O que Machado expõe é a misoginia em relação ao trabalho literário das escritoras e aponta para o caráter inovador da escrita placidiana. A mulher que não cumpre os cânones oficiais estabelecidos pela sociedade poderia ser difamada, pois estaria agindo por “egoísmo e vaidade” e não se submeteria “à veemência dos sentimentos”, que seriam “o condão e a sorte da mulher”. Estigmatizada como “perigosa” pelas outras mulheres, “temida” pelos pretendentes, a “mulher de talento” arriscava a sua reputação social e moral numa sociedade provinciana e mesquinha que lhe determinava somente o papel de mera espectadora. Ousar tornar-se partícipe da cultura era aventurar-se por um território dominado pelos homens e estar sujeita à maledicência pública. Evidentemente, nas entrelinhas do discurso de Machado está a defesa de Ana Plácido, conhecida como mulher adúltera pela sociedade.

Júlio César Machado refere-se à desconfiança em relação aos escritos placidianos, falando dos boatos que corriam acerca da autora:



Por isso, o que há para estranhar em que de um talento tão delicado e grave como o da autora de Luz coada por ferros se tenham arreçado uns, desconfiado outros, e alguns espalhado rumores na intenção de pôr em dúvida se devesse ela própria, ela senhora, ela portuguesa, ela que passou no mundo sem ninguém lhe observar nunca ares de literata e ridículos de preciosa, desastroso distintivo das musas nacionais, se é ela realmente, ela sozinha quem escreve os artigos que a Revista contemporânea tem ufanamente publicado com as iniciais de A. A.?! (1995, p. VIII).

O escritor também relata os rumores dos que suspeitavam ver semelhanças de estilo entre “o elegante romancista” e a autora, chegando a afirmar: “mas o que há direito a esperar, é que não confundam o estilo que se assemelha com o estilo que lhe serve de norma, por mais parecidos que sejam.” (1995, p. XI). Mais à frente, retoma a defesa, referindo que “a um homem de letras [...] não lhe é permitido hesitar um momento em reconhecer no estilo da senhora D. Ana Augusta uma fisionomia, que, embora semelhante à de outro nas feições, sensivelmente se discrimina no todo.” (1995, p. XII).

Finaliza a introdução, advertindo os leitores e as leitoras a não procurarem nos enredos só “os segredos dessa triste existência” nem tampouco “o mesmo tipo de heroína, como se a autora estivesse sempre em modelo para os seus desenhos”, pois:

Um dos melhores merecimentos deste livro é justamente o de se conhecer no entusiasmo da paixão, na veemência das apóstrofes, depois no tom resignado das almas superiores mas infelizes, em pequenos toques de estilo, na serenidade de algumas queixas, no perfume de afetuosa sensibilidade epistolar, a inteligência subtil e mimosa, que está mesmo revelando o sentimento feminil. (1995, p. XIII).

Não podemos perder de vista que essa introdução foi redigida por um escritor português da segunda metade do século XIX. Lendo o texto, fica subentendido que parece estarmos perante uma antecipação das formulações de Julia Kristeva em relação ao labor literário feminino, que considera o texto escrito por mulheres como “jogo, trabalho, produção, prática” que se estabelece a partir de “um jogo interdialético: a instância ‘semiótica’ (a pulsional; a feminina-maternal) e a instância ‘simbólica’ (a normativa, a masculina-paternal)” (apud Richard, 1990, p. 47). Isso significa que Júlio César Machado parece ter compreendido bem o texto de Ana Plácido, pois aponta tanto para uma filiação masculina, camiliana, quanto para uma linhagem da instância autoral feminina inovadora.

Ana Plácido, movida pelo desejo de utilizar a escrita como forma de refutar as injustiças sofridas e de afirmar todas as desvantagens sociais contra as mulheres, antecipa corajosamente o chamado de Cixous. Como afirma a feminista francesa:

É escrevendo, de e para a mulher, e assumindo o desafio do discurso governado pelo falo, que a mulher irá afirmar e ocupar outro lugar diferente daquele que foi reservado, em e pelo símbolo, ou seja o silêncio. (Cixous, 2017, p. 137).

O “desafio do discurso” foi enfrentado por Ana Plácido nos tempos difíceis do cárcere. Ela ousou romper o silêncio, deixando nas suas “Meditações” crônicas do seu sofrimento, expondo-se perante a sociedade patriarcal oitocentista. Esses textos, numerados de I ao VII, têm cariz autobiográfico, como nos explica a nota de rodapé de Gonçalves de Bastos, que informa tratar-se do relato de uma “infeliz senhora” que viveu as amarguras do cárcere, razão pela qual a sua alma lhe pediu “ensaios de inteligência que lhe prometessem para o futuro trabalhos de mais fôlego e mais segura garantia à sua substância” (1995, p. 62). Revela-se, assim, o caráter experimental dessa sua escritura inicial, bem como a alusão a ser esse o ofício almejado pela autora como meio de obter algum rendimento por seu labor, além de enfatizar que ela escreve “porque o escrever lhe é um desafogo às lágrimas” (1995, p. 62).



Encarcerada, Ana Plácido estava com o filho e uma empregada, numa cela individual, cercada por livros, o que lhe permitiu escrever. Camilo Castelo Branco é quem nos dá essa informação ao narrar a cena do encontro entre D. Pedro V e Ana Plácido e, embora omita o nome da senhora, o leitor sabe a quem ele se refere com os três asteriscos representativos do nome Ana: “— Saberá Vossa Majestade — disse o carcereiro — que é o quarto da Sr.^a D. ***./ O rei entrou, e a senhora foi chamada do corredor onde tinha o seu asilo de trabalho./ Com a senhora veio um menino nos braços de sua ama.” (1983, vol. II, p. 123).

Escrito no “seu asilo de trabalho”, o texto “Meditações” é dirigido à sociedade e serve também como um exame de autoconsciência e autorreflexão, configurando-se como uma narrativa de memórias pessoais e de denúncia dos padrões morais. A narradora desafia a sociedade, “já que pois acolhes, ó mundo, a infâmia com brandura, aceita agora a impiedade que só tu fazes.” (1995, p. 62). Quais seriam as “impiedades” que o mundo infligia? A primeira delas, o despotismo paterno que firmava contratos nupciais, visando as vantagens econômicas, assegurando o futuro das filhas. Ana Plácido escreve: “trespassam-te a um homem repulsivo, quando mal conheces a magnitude do sacrifício e o valor da mercancia. [...] [pois] a cobiça previdente de um pai cuidadoso em demasia no porvir de seus filhos” (1995, p. 63) torna a mulher mera mercadoria disponível. Uma das palavras chama, em especial, a nossa atenção: o verbo trespassar. De uso comum na linguagem comercial, designa a venda de um comércio, não a venda do imóvel, ou seja, o dono do imóvel continua sendo o proprietário; por outro lado, trespassar significa também penetrar. A autora tem plena consciência que seu pai a “vendeu”, porém continuou dona de seu próprio corpo, já de posse pelo “comprador”. É essa lucidez que entra em conflito com os padrões morais e a faz cair na autocomiseração, nas invectivas contra a religião:

Ó religião, tu abres os braços para esmagar os crédulos que te fantasiaram um refúgio no desvalimento. Ao primeiro toque do infortúnio, cais alquebrada sob o peso da tua gélida inércia. A teu lado erguem-se triunfais o crime e o roubo; e a impiedade, galardoada pelas felicidades da vida, é um desmentido à tua legenda do amor ao próximo...

Perdão e misericórdia para a infeliz, Senhor!

Acaso! Tu não podes ser Deus!... (1995, p. 65)

Ana Plácido mostra a sua indignação e revolta contra a hipocrisia social que, em nome da religião, acolhe ladrões e criminosos e pune os amantes. Ou seja: “Ao mesmo tempo em que tece uma crítica à religião, os seus textos ficcionais não abandonam o seu carácter devocional, visto que espera a justiça divina e não a social (que tanto critica nos seus textos)” (Silva, 2022, p. 116). Movida pelas memórias, ela narra o desabrochar da paixão e o ambiente romanesco onde ocorreu o primeiro encontro com Camilo:

Em uma sala de baile, no meio do esplendor das luzes e do aroma de mil vasos entumescidos de flores, uns olhos disseram-me ao coração “vive” — um sorriso fez-me estremecer todas as fibras que estavam intactas. [...] Os anos correram morosos na tempestade; a vereda oscilou em vulcânicas convulsões; mas esta visão primeira do amanhecer, aquele olhar caído em seio virgem, jamais pôde ser esquecido!... (1995, p. 88).

A narradora rememora romanticamente o baile onde o seu olhar se cruzou, pela primeira vez, com o de Camilo. Foi um *coup de foudre* que marcou a vida dos amantes para sempre. Como os romances que o Romantismo eternizou, aquele seria um amor pautado por vários incidentes. A protagonista considerava-se “vítima dos cálculos e da ambição” (1995, p. 89) de seu pai e de Pinheiro Alves com quem era casada, mas encarava o seu martírio, afirmando “Venha tudo, que tudo sofrerei por ti, e resignada!” (1995, p. 89). O texto vai oscilando entre a esperança e o desalento da narradora que ora divide com o leitor o encontro com o amado: “Aquele ser ideal, que eu alindava com as perfeições dos querubins, estava lá, era ele, reconheci-o com os olhos fechados. Senti-me ébria de um gozo suavíssimo, compreendi enfim o mistério das imponderáveis alegrias de nos sentirmos viver em duplicado.” (1995,



p. 108), ora narra o que a irmã Maria José, a quem o livro é dedicado, profetizou: “Luz e trevas, glória e martírio” (1995, p. 109), antecipação do doloroso calvário percorrido pelos amantes.

As “Meditações” são pautadas pelo tom confessional e angustiado da narradora, mas chama a nossa atenção a consciência que ela tem de se saber mulher e de pretender mudar a sua trajetória através da literatura. É como se ecoasse premonitoriamente no seu pensamento a convocatória de Cixous: “A mulher precisa se colocar no texto — como no mundo e na história — através de seu próprio movimento.” (2017, p. 129). E Ana Plácido parece ter se preparado para esse “movimento” por meio do seu vasto leque de leituras, que vão da Bíblia à prosa doutrinária, da poesia aos romances. A prosa do Padre Manuel Bernardes, do Padre Francisco de Sousa e de Frei Luís de Sousa é conhecida por Ana Plácido que usa epígrafes dos dois últimos. Quanto a Manuel Bernardes, é Júlio César Machado quem nos diz que ela já o fizera ler a *Nova Floresta* e ter sido por ela apresentado aos “seiscentistas do seu conhecimento” (1995, p. XI), entre eles, D. Francisco Manuel de Melo.

A paixão placidiana pela leitura é declarada. Ela confessa sentir-se “endoidecer de amores, pelo autor de *Os Lusíadas*, por Garrett e tantos outros nomes ilustres”. Declara que aguarda “sedenta e faminta cada nova criação de Alexandre Herculano, Mendes Leal e Castilho” (1995, p. 86). Afirma que essa plêiade é a “única que engrandece este Portugal, que busca esmagar-lhes o talento, e tão mal preza seus filhos” (1995, p. 87). Apesar de omitir o nome de Camilo, sente-se a sua presença através da ironia latente em “este Portugal que tão mal preza seus filhos”, pois ele já era um escritor de prestígio quando foi preso. Quanto a escritores estrangeiros, Ana Plácido cita: Racine, André Chenier, Wieland, Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Balzac, Xavier de Maistre e Alphonse Karre. Também menciona autoras: Rosely de Lorgues, Mme de Staël, Georges Sand. Em relação às portuguesas, refere-se à Marquesa de Alorna e a Catarina Balsemão. Podemos ver que as suas leituras vão desde os clássicos até os seus contemporâneos, o que permite traçar um perfil de leitora culta e atualizada, que também lia fluentemente em francês. Por isso, Fabio Mario da Silva afirma que:

Tais referências revelam uma abrangência de leituras de romances de costume, românticos, clássicos renascentistas, autores estrangeiros consagrados e obras de índole religiosa, principalmente a Bíblia Sagrada, fontes as quais, ao que tudo indica, são as principais referências de formação cultural da autora.
(2022, p. 36)

Façamos uma pausa para determo-nos no título escolhido por Ana Plácido para falar de si: “meditações”. Do latim, *meditatio, onis* significa “preparação, prática, exercício, trabalho, estudo” (Torrinha, 1945), comportando também o sentido mais conhecido de meditação, reflexão. Na nossa língua, associamos, via de regra, essa palavra ao campo religioso ou filosófico. Vislumbra-se, no entanto, que Ana Plácido tem uma intenção clara ao intitular o conjunto de crônicas de “Meditações”, ou seja, pretende que sejam um “laboratório” do exercício da escrita. E mais à frente, escreve: “Hoje, quando os meus verdugos me supõem dias terríveis de desesperança e amargura, eu digo à alma que suba, à inteligência que se ilumine, e de pronto uma chama misteriosa me aclara esta difícil ascensão.” (1995, p. 90). Quando poderíamos supor, num primeiro impulso, que Ana Plácido estaria recorrendo à religião para enfrentar os sofrimentos, esclarece: “entrego-me ao idealismo vago e indefinido, e encontro um mito só meu.” (1995, p. 91). Qual seria esse mito todo seu, “um centro luminoso”, entrevisto nas trevas do cárcere, que a deixa “febril” (1995, p. 91) e a encoraja a sofrer pacientemente? O “mito todo seu”, o “centro luminoso” é a literatura. Não só a literatura por meio da leitura, mas pelo fazer literário.

Na sua lucidez e modernidade, Ana Plácido conclama as “mulheres de Portugal” a pôr fim à “inatividade”, a se desligarem “de certas apreensões, procurando no livro e no estudo dos bons mestres um refrigério para os tristonhos dias da velhice” (1995, p. 91). As “apreensões” seriam, provavelmente, o preconceito que a mulher instruída enfrentava na sociedade e a velhice, pois por volta dos cinquenta anos a mulher já era considerada idosa. Esse é um conselho que ela dá às suas leitoras e para si mesma reserva outra missão:



Sei que não podemos aspirar a um nome distinto como o de madame Staël, ou Georges Sand. A estas dotou-as a subtileza do engenho, a grandeza do gênio, a vivacidade sublime que não possuímos desde que a marquesa de Alorna, e Catarina Balsemão passaram sem herdeiras. Não dêmos ao homem a fácil vitória da nossa inércia. Entremos desassombradas nesse trilho em que os mesmos espinhos nos fazem esquecer outras dores. (1995, p. 91, 92).

Ana Plácido tem plena consciência dos limites impostos pela sociedade, afirma que é “fraca porque [...] mulher, pobre, oprimida pela inveja e pelo ódio” (1995, p. 102), mesmo assim afirma que “não sucumbirá”. A narradora refuta, assim, a sua “inércia” diante da condição de inferioridade imposta, como sabemos, culturalmente às mulheres. Por isso, ao assumir a “debilidade feminina”, estereótipo muito em voga em pleno século XIX, reproduzido na literatura romanesca, “Ana Plácido questiona também quando essa “debilidade” feminina (associada à força física e à lógica) pode se configurar como uma mais valia que permite acesso ao conhecimento e desenvolve a inteligência.” (Silva, 2022, p. 123).

Invocando o exemplo de autoras estrangeiras e portuguesas, convoca as mulheres a desafiar os preconceitos masculinos e romper a inércia em que se encontram. Por isso, Cláudia Pazos Alonso vê nessas considerações de Plácido uma tentativa de delinear uma genealogia feminina na literatura portuguesa:

In other words, by paying tribute to her local predecessors (and their gift of genius), she tentatively envisaged the possibility of a Portuguese female genealogy based on past creative achievements. It logically followed that, given that Portugal had produced gifted women writers in the recent past, there was no reason why there could not be more of the same calibre in the near future. This leads Plácido to rehearse the idea that there could be a new generation of Portuguese female writers and, moreover, that she might lead the way. (2020, p. 68).

As mulheres foram educadas durante séculos para serem apenas boas esposas e boas mães de família, a perspectiva dessas mulheres burguesas era a de gerir a casa e assegurar a continuidade da família, através de filhos que iriam herdar o patrimônio acumulado. A escrita e a literatura foram um feudo masculino abalado pelas pioneiras que romperam com o primado masculino. A história das mulheres mostra casos como o de Ana Plácido, de escritoras que nos legaram seus textos, nos quais podemos acompanhar as ousadias femininas do passado que abriram caminho para as mulheres do presente.

“Escrevo isto como mulher para as mulheres” (Cixous, 2017, p. 129) são as palavras da epígrafe que encima este ensaio e parecem ter sido escritas pela corajosa Ana Plácido que, nas “Meditações”, expõe o sofrimento, divide a infelicidade e as suas ambições com os leitores e suas leitoras, esperando adesão das mulheres à literatura. Ou seja, o que se deixa antever em “Meditações” é que ao narrar o aprisionamento, seja ele o físico ou o psíquico, ficcionando fatos da vida, filosofando sobre as condutas sociais, resgatando imagens memorialísticas:

é repensar a sua condição feminina e, ao mesmo tempo, discretamente, afrontar a sociedade patriarcal. Esse afrontamento contra as injustiças, que a autora vê como consequência de uma burguesia hipócrita e sem escrúpulos, é uma defesa não apenas dos seus sofrimentos, mas também das mulheres, quando defende a instrução feminina como acesso à iluminação (conhecimento) para um mundo além do espaço privado da casa. (Silva, 2020b, p. 142)

Assim, as crônicas de “Meditações” encontramos a dicotomia entre “liberdade” e “aprisionamento” através de uma escrita que quer falar das injustiças sofridas. Por fim, lembremo-nos que Ana Plácido trabalhou incansavelmente durante toda a vida, fosse publicando com seu nome, ou usando os pseudônimos masculinos Gastão Vidal e Lopo de Souza ou ainda escrevendo anonimamente. Publicou em periódicos da época poemas e novelas, tendo feito



inúmeras traduções. Além disso, fez o trabalho invisível de colaboradora fiel de Camilo que, acometido de cegueira, contou com o seu permanente auxílio e dedicação.

Passado mais de um século, as histórias da Literatura Portuguesa insistem em deixar a maioria das escritoras na invisibilidade ou registrando em poucas linhas ou em notas de rodapé seus nomes e atividades literárias. É, pois, graças aos estudos de gênero que autoras do passa do, como Ana Plácido, têm sido resgatadas do limbo da história e inscritas em antologias e dicionários de pesquisadores que se dedicam à história da escrita de autoria feminina.

REFERÊNCIAS

- Alonso, C. P. (2020). *Francisca Wood and Nineteenth-Century Periodical Culture Pressing for Change*. Legenda.
- Castelo Branco, C. (1983). *Memórias do cárcere* (Vol. I e II). Mem Martins: Europa-América.
- Cixous, H. (2017). O riso da Medusa. In I. Brandão et al. (Eds.), *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970–2010)* (L. E. de F. Calado Deplagne, Trad.) (pp. 129–155). EDUFAL; Editora da UFSC.
- Macedo, A. G., & Amara, A. L. (Eds.). (2005). *Dicionário da crítica feminista*. Edições Afrontamento.
- Machado, J. C. (1862). *Scenas da minha terra*. Edição José Maria Correa Seabra.
- Natária, A. (2008). *Portuguesas com história — século XIX*. Círculo de Leitores.
- Pedro, C. M. C. A. (2006). *Educação feminina no século XIX em Portugal: em busca de uma consciência* (Tese de mestrado). Universidade de Lisboa.
- Plácido, A. A. (1995). *Luz coada por ferros*. (Ed. fac-similar da 1.ª edição de 1863). Lello & Irmão Editores; Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.
- Richards, N. (1990). De la literatura de mujeres a la textualidad femenina. In C. Berenguer & E. Ortega (Eds.), *Escribir en los bordes* (pp. 39–101). Editorial de mujeres cuarto propio.
- Silva, F. M. da. (2022). *Ana Plácido e as representações do feminino no século XIX*. Tavares & Tavares. (Prefácio de C. P. Alonso)
- Silva, F. M. da. (2020a). Notas de reflexão sobre *Luz coada por ferros*, a obra de estreia de Ana Plácido. In A. M. Mendes, F. M. da Silva, & I. C. S. Barroca (Eds.), *Literatura e resistência: corporeidade, gênero e decolonialidade* (pp. 48–61). Avant Garde Edições.
- Silva, F. M. (2020b). “Entre a Luz e a escuridão. Uma leitura das ‘Meditações’, de Ana Plácido”. *Revista Todas as Musas*, 12(1), 137–144. Disponível em https://www.todasasmusas.com.br/23Fabio_Mario.pdf
- Teles, M. T. (2008). *Camilo e Ana Plácido. Episódios ignorados da célebre paixão romântica*. Edições Caixotim.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anónima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.